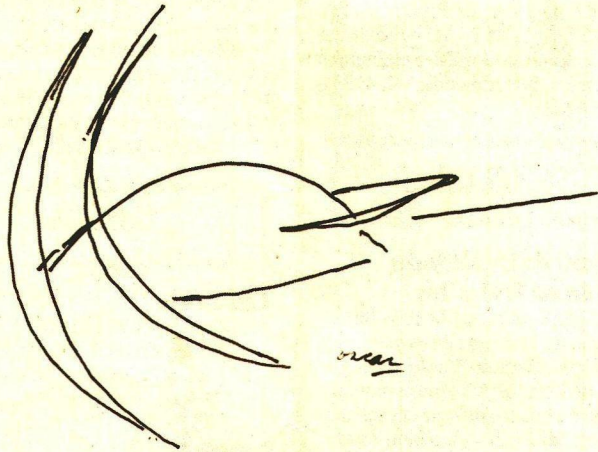


AO COMPLETAR 45 ANOS, BRASÍLIA VÊ O PROJETO ORIGINAL DA ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS SER CONCLUÍDO

SONHO CONCRETIZADO



CECÍLIA BRANDIM
DA EQUIPE DO CORREIO

Da plataforma superior da Rodoviária do Plano Piloto, os olhos voltados para o Congresso Nacional alcançam o imenso canteiro de obras aberto à direita. São as últimas construções no centro do poder brasileiro. Ao completar 45 anos, Brasília está prestes a ganhar o Museu e a Biblioteca Nacional. E a transformar em realidade o traço do arquiteto Oscar Niemeyer, na conclusão do projeto original da Esplanada dos Ministérios. O concreto dos edifícios, que compõem o Complexo Cultural da República, aos poucos invade a paisagem monumental. A pedido do *Correio*, Niemeyer desenhou um esboço do Museu Nacional, visto a partir da Catedral Metropolitana.

"Entre a plataforma onde está o povo

e a política, vai surgir um projeto de sonho. Não importa se é utópico. Não se constrói uma cidade sem a utopia. Não sei se será exatamente da maneira que Brasília necessita, mas é bom que a cidade tenha essas obras com o traço de Niemeyer", diz o arquiteto e urbanista Ítalo Campofiorito, que chegou a Brasília dois anos antes da inauguração da cidade. É um especialista que fala de Brasília com a propriedade de quem conviveu como colega e amigo pessoal de Niemeyer e do urbanista Lucio Costa, desde que os primeiros prédios começaram a ser erguidos na capital federal.

No olhar do engenheiro baiano Jorge Andrade, 53 anos, as linhas finas do desenho de Niemeyer revelam o segredo da simetria que faz de Brasília a sua paixão. Da janela de sua sala, no sétimo andar do Ministério dos Esportes, ele acompanha a rotina dos operários que traba-

ham para que a grande concha de concreto que abrigará o Museu Nacional de Brasília fique pronta. "É uma coisa extraordinária ver a Esplanada se completar de forma tão bela. A harmonia do conjunto é fantástica", diz o engenheiro.

Há pouco mais de dois anos, Andrade trabalha no mesmo prédio, de onde também contempla a Catedral de Brasília. "A construção do museu traz a parte cultural para o centro, oferece à população outras referências", avalia. A capital federal, para Andrade, é a cidade da multiplicidade cultural, traduzida na beleza dos monumentos e na diversidade de sotaques. O amor por Brasília, que nasceu há seis anos, quando chegou, faz o engenheiro voltar à Esplanada nos fins de semana. "Sempre que posso, dou um jeito de passar por perto. Gosto da liberdade, do espaço, de poder caminhar ao ar livre. E Brasília me deu isso."

Privilegio

Viver na cidade que, mesmo tombada, ainda está em construção é um privilégio para o servidor público Edmilson Bareia, 52. "A conclusão da Esplanada dos Ministérios mostra que esse patrimônio é dinâmico, que possibilita intervenções urbanas no casamento perfeito entre Lucio Costa e Oscar Niemeyer. O museu e a biblioteca são peças fundamentais a esse conjunto", diz. "Se pensarmos que daqui a 500 anos tudo isso estará aqui, para contar a história de hoje, podemos entender que esta é uma experiência única no mundo. Brasília é tão inovadora que aos 45 anos ainda surpreende. Nada igual foi feito", observa.

O arremate ao conjunto da obra de Oscar Niemeyer revela ainda mais dos "uniquismos" de Brasília, como define o superintendente regional do Instituto

do Patrimônio Histórico e Artístico Natural (Iphan), Alfredo Gastal. "É o único caso no mundo onde se tem um só arquiteto com tantos projetos distintos para o centro do poder do país." Gastal resalta o valor simbólico dos espaços que estão em construção. "Mais do que o prático, esses prédios são significativos pela beleza, por estarem na capital da República, em proporção à grandiosidade da cidade."

A Secretaria de Obras do Distrito Federal garante que em dezembro o complexo começará a ficar pronto. A primeira construção a ser entregue será a Biblioteca Nacional, obra estimada em R\$ 33 milhões. Em maio do ano que vem, será a vez do museu, orçado em R\$ 39 milhões. "Depois disso, será o momento do governo cuidar do pedestre, para que se ande mais a pé em Brasília", sugere o arquiteto.



AS OBRAS DO MUSEU NACIONAL VISTAS PELO MESMO ÂNGULO DO ESBOÇO DE NIEMEYER: CONSTRUÇÃO DEVE SER ENTREGUE À POPULAÇÃO EM MAIO DO PRÓXIMO ANO

CIDADE VIVE MOMENTO DE TRANSIÇÃO

DARSE JÚNIOR
DA EQUIPE DO CORREIO

Aos 45 anos, Brasília vive uma transição entre o que se foi imaginado e a realidade imprimida pelos moradores, com necessidades, cultura e ritmo próprios. A afirmativa parte de uma das pessoas que viram a concepção de Lucio Costa e os traços de Oscar Niemeyer tomarem forma. "Chega um momento em que o projeto toma vida própria e

passa a determinar seus rumos. É um processo natural", explicou o arquiteto e urbanista Ítalo Campofiorito, durante o simpósio sobre Brasília, que terminou ontem no Teatro Nacional.

Campofiorito chegou à capital em setembro de 1958 para trabalhar com Niemeyer na construção do novo centro urbano e ficou na cidade até 1970, quando voltou para o Rio de Janeiro. Em 1987, foi um dos responsáveis pela inclusão de Brasília na lista de Patrimônios Históricos da Humanidade da Unesco. Depois de 45 anos da inauguração, ele acredita que a cidade começa a seguir caminho próprio. E destaca a importância de se observar o projeto original, para não desvirtuar a concepção reconhecida e elogiada mundialmente.

"Não prego o engessamento ou a cristalização, mas certas características não podem ser alteradas."

Entre os pontos que o arquiteto considera fundamental para manter o projeto idealizado por Niemeyer estão o limite máximo da altura em seis andares para os prédios das superquadras, a manutenção dos espaços vazios nos pilotis e o combate à privatização da orla do Lago Paranoá. "São características básicas que devem resistir ao interesse imobiliário. Se fizermos certas concessões, não restará nada. Hoje serão sete andares, amanhã serão dez", pondera. O arquiteto defende a comunicação entre os novos habitantes e aqueles que participaram da construção ou conhecem a concepção. "É importante o diá-

logo, porque certas alterações são perfeitamente aceitáveis. O foco do tombamento são as escalas, não as construções em sua totalidade", explica.

O projeto original determina o convívio harmônico entre quatro escalas. A residencial prevê as casas e apartamentos. A gregária resalta a interação entre os moradores nos espaços livres e nos setores comerciais e de diversões. A monumental, com os palácios e órgãos públicos. A última a ser incluída foi a bucólica, com a inclusão dos parques e jardins dentro do centro urbano. Os espaços vazios fazem parte do plano piloto, não são áreas a serem preenchidas. Apesar das agressões que a cidade sofre atualmente, Campofiorito acredita que a concepção está

mantida. "O que já está irregular até podemos deixar. O importante é impedir novos erros", sustenta.

Gabriel Dorfman, doutor em arquitetura pela Universidade Técnica de Berlim e professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB), é mais radical. Morador da capital há oito anos, ele defende a demolição das obras que foram erguidas sem respeitar o tombamento. "Não podemos deixar os bares invadir o espaço público ou os moradores de classe média privatizarem a orla do lago. Temos de dar o exemplo. Quando tratamos de Brasília, não se trata de uma questão paroquial, mas de um assunto nacional", sustenta Dorfman, que também participou do simpósio.